

HISTÓRIA, TEORIA E LIBERDADE: SAUDAÇÃO A JÖRN RÜSEN¹

Arthur Alfaix Assis²
Professor Associado de Teoria e
Metodologia da História
Universidade de Brasília
arthurassis@hotmail.com

O ser humano é uma criatura que faz história e nem pode repetir o seu passado, nem o pode deixar para trás. A cada momento, acrescenta novidades a tudo o que lhe aconteceu e, com isso, o acontecido é modificado. Daí vem a dificuldade de encontrar uma imagem única que possa valer como símbolo adequado da existência humana. Se pensarmos no seu futuro, que está sempre em aberto, a imagem natural será a de um peregrino solitário a caminhar por uma estrada interminável na direção de um país ainda inexplorado. Se, no entanto, pensarmos no seu passado que nunca pode ser esquecido, então a imagem natural será a de uma enorme e populosa cidade, cheia de construções de todos os estilos arquitetônicos, e onde os mortos são cidadãos tão ativos quanto os vivos. O único traço em comum entre as duas imagens é que ambas estão carregadas de propósitos: uma estrada segue numa certa direção e uma cidade é construída para durar e para servir de lar. Os animais, que vivem no presente, não têm cidades, nem estradas, e sequer delas sentem falta; a sua casa é o meio do mato e, na maioria das vezes, se são seres sociais, montam acampamento para uma única geração apenas. Mas o ser humano precisa das duas coisas: a imagem de uma cidade sem estradas de saída remete a uma prisão, enquanto a imagem de uma estrada que não começa em lugar algum lembra as pegadas de um animal” (AUDEN, 1962, 278-279, trad. minha).

Na primeira vez em que me reuni com Jörn Rüsen para tratar da minha tese de doutorado, as coisas não correram como eu esperava. O Prof. Rüsen era o meu orientador e dirigia então o prestigioso *Instituto de Altos Estudos em Ciências Humanas* de Essen. Eu, por outro lado, era o novo doutorando que, depois de ter estudado muito do que ele escrevera, e de ter passado dois meses num curso intensivo de alemão, estava bastante ansioso para começar a trabalhar na tese.

À época, a minha ideia principal era desenvolver uma investigação que contribuísse para validar parcialmente alguns argumentos-chave que havia encontrado nos textos de Rüsen. Para lhes dar uma ideia do que se passou na nossa conversa, o melhor é desencavar das profundezas

¹ Este texto é uma versão traduzida e adaptada do discurso que proferi na cerimônia de concessão do título de doutor *honoris causa* a Jörn Rüsen pela Universidade de Brasília, em 25 de setembro de 2015.

² Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História. Estudou em Goiânia (UFG), Brasília (UnB) e Los Angeles (UCLA), tendo concluído o doutoramento na Universidade de Witten-Herdecke. É especialista em teoria da história e em história do pensamento histórico.

do meu disco rígido alguns trechos do projeto de pesquisa, o qual ele havia lido e em breve passaria a comentar:

“A minha intenção” – escrevi eu – “é desenvolver uma reflexão acerca da inter-relação entre história e formação a partir do ponto de vista de Rüsen de que a formação histórica dos destinatários das histórias é um fator importante para o que se pode chamar de racionalidade histórica”.

E o projeto assim continuava:

“[...] esse modo de colocar a questão sobre o significado e o papel da formação no conhecimento histórico está ancorado nas investigações de Jörn Rüsen”.³

É preciso acrescentar que tais ideias foram desenvolvidas num texto cujo alemão estava longe de ser razoável. Mas mesmo que formuladas pelo mais competente usuário da língua não deixariam de ser ideias de pesquisa bastante ingênuas. O fato é que, na nossa conversa, Rüsen se revelou incrivelmente capaz de entender o que eu tinha em mente, e arrematou as suas observações com um conselho que me transmitiu uma lição da mais elevada importância. Ele disse:

“Sie sollen aus meinem Schatten heraustreten”
[Você deve sair de baixo da minha sombra]!

Vale destacar que ele não disse o que disse para me aborrecer ou afugentar. A sua frase era uma crítica construtiva e tinha mais ou menos o seguinte sentido: “Não acho nada mal que alguém retire inspirações dos meus escritos, mas se você quer mesmo fazer um trabalho como deve ser, então deve poder andar com as próprias pernas. Do contrário algo essencial vai ficar faltando”.

Esse “algo” – vim eu a perceber depois – não tem apenas a ver com autonomia intelectual. É também uma questão de liberdade pessoal.

³ A última versão do projeto é de março de 2004. A conversa referida aconteceu no primeiro semestre de 2005, certamente entre abril e maio.

Uma recapitulação sumária da trajetória acadêmica do nosso homenageado revela facilmente que a liberdade é um valor crucial que jaz além e abaixo de cada um dos seus escritos e investigações. É bem verdade que Rüsen não é um filósofo da liberdade à maneira dos filósofos políticos tradicionais. É, antes de mais nada, um teórico e um historiador da história, isto é, alguém que se dedicou a pensar e pesquisar sobre a prática dos historiadores de hoje e de ontem.

A palavra história, nunca é demais lembrar, tem pelo menos dois significados. De um lado aponta para tudo aquilo que os historiadores fazem ao pesquisar materiais remanescentes do passado e escrever histórias; do outro, para um conceito-chave que empregamos para fazer sentido de experiências coletivas, experiências essas cuja significância para nós, hoje, queremos ressaltar, quando as qualificamos como “históricas”. A obra de Rüsen abrange a história nessas duas acepções básicas. A sua primeira publicação de maior fôlego foi a tese doutoral, defendida na Universidade de Colônia, em 1966, e posteriormente adaptada para publicação. Trata-se de um trabalho sobre o historiador e teórico alemão oitocentista Johann Gustav Droysen; mais especificamente sobre como as interpretações da história antiga e moderna entabuladas por Droysen estão impregnadas de premissas teóricas que ele posteriormente viria a desenvolver de modo mais sistemático (RÜSEN, 1969).

Sem dúvida, o fato de Droysen hoje estar firmemente estabelecido sob o radar de teóricos da história e de historiadores da filosofia deve-se largamente aos esforços de Rüsen (WHITE 1990, 84-85). Na década de 1960, a obra teórica de Droysen estava relegada a um esquecimento que não parava de aumentar,⁴ e hoje pode-se dizer que, ao investir contra esse processo, Rüsen foi bastante bem-sucedido. A teoria da história de Droysen, contudo, não foi para Rüsen apenas uma matéria de interesse histórico. A partir da metade dos anos 1970, ele começou a publicar textos teóricos, num esforço deliberado de renovar a tradição de reflexão sobre os fundamentos do trabalho historiográfico que tem precisamente em Droysen a sua figura principal. Esses textos de Rüsen (1976; 2001; 2007-a; 2007-b; 2015) estão escritos numa

⁴ É preciso mencionar, porém, uma exceção para lá de significativa: Hans-Georg Gadamer, que em *Verdade e método* deu razoável destaque à teoria da história de Droysen (GADAMER, 1999, p. 327-334).

linguagem predominantemente filosófica, mas também são marcados por um sentido aguçado para a história do pensamento histórico.⁵

A teoria da história de Rüsen pode ser interpretada como uma resposta aos desafios que se colocaram aos historiadores na segunda metade do século 20 à medida que a disciplina histórica passava por um contínuo processo de fragmentação. Mas também pode ser lida como uma alternativa aos muitos apelos ao ceticismo epistêmico que foram endereçados aos historiadores desde que o pós-modernismo encontrou a história, em algum ponto dos anos 1970. Além disso, uma das suas marcas mais características é a centralidade que confere ao tema da aprendizagem histórica, algo que transformou Rüsen (2010; 2012) no melhor amigo dos teóricos da educação histórica dentre os filósofos da historiografia hoje em atividade.

Desde a década de 1990, todavia, Rüsen vem-se ocupando menos das questões clássicas da epistemologia e da metodologia da ciência histórica. Ele redirecionou as suas atenções para o tema da interação entre as inúmeras formas de saber histórico e as práticas políticas e sociais, interação essa de que resultam os meios de orientação que ele gosta de sintetizar na expressão “cultura histórica” (RÜSEN 1994; 2001; 2002-a; 2002-b; 2014). Além disso, tem buscado reforçar, com grande paixão, o ideal de um humanismo histórico enquanto uma plataforma filosófica desenhada para fazer face ao novo tipo de desafios trazidos pela globalização intensificada dos nossos dias. Tal humanismo convida acadêmicos de todo o mundo a buscar novas formas de superar o etnocentrismo e de fomentar a comunicação intercultural. Ao fazê-lo, Rüsen está na verdade a relacionar experiências fortemente contemporâneas ao velho problema da liberdade – e, como sempre, está a nos mostrar o quão importante é a perspectiva histórica para que tal relação frutifique.⁶

Como se pode ver, a obra do Prof. Rüsen é bastante abrangente. Mas, além disso, é também quantitativamente vasta. Ele é o autor de pelo menos 17 livros em alemão, muitos dos

⁵ Os trabalhos mais centrados na história do pensamento histórico são RÜSEN; JAEGER, 1992 e RÜSEN, 1993.

⁶ Dentre os inúmeros comentários aos aspectos acima referidos da teoria da história de Rüsen, podem ser mencionados os seguintes: ASSIS, 2017; DE JONG, 1997; MARTINS, 1992; WIKLUND, 2008. Uma lista mais abrangente, embora já desatualizada de comentários, consta de ASSIS, 2010, 74-75. É importante referir a existência de pelo menos dois dossiês temáticos de periódicos acadêmicos dedicados à análise da obra de Rüsen: *Erwägen, Wissen, Ethik*, Vol. 22, No. 4, 2011; e *Intelligere. Revista de História Intelectual*, Vol. 3. No. 2, 2017.

quais foram traduzidos para outras línguas. Publicou mais de 250 artigos e capítulos de livro, além de ter organizado aproximadamente 70 obras coletivas.

É grande a influência exercida por Rüsen sobre os debates historiográficos e didáticos, e isso se aplica ao Brasil de maneira especial. Diversos dos seus textos foram traduzidos para o português brasileiro e as suas ideias hoje são bastante citadas e discutidas por todo o país (BAROM, 2015). A trilogia de Rüsen sobre a teoria da história começou a ser publicada pela Editora da Universidade de Brasília há mais de dez anos, e até hoje ainda parece estar sendo bem vendida. Esse projeto editorial resultou da iniciativa de Estevão de Rezende Martins, que ao longo dos últimos trinta anos tem sido o maior leitor, tradutor, parceiro de discussão e amigo de Jörn Rüsen no Brasil. A colaboração estabelecida entre esses dois acadêmicos abriu portas importantes para jovens pesquisadores, que assim ganharam a oportunidade de realizar estádias de pesquisa e estudo na Alemanha, bem como de iniciar contato direto com Rüsen e outros acadêmicos alemães. Vale mencionar, nesse contexto, os nomes de Astor Diehl, André de Melo Araújo, Luiz Sérgio Duarte da Silva, Pedro Caldas, Marcelo Fronza, além do meu próprio – pessoas que estiveram sob a supervisão de Rüsen no doutoramento pleno, em estágios de doutorado-sanduíche, ou em estádias de pós-doutorado.

Se eu tivesse de resumir em poucas palavras uma das principais linhas de pensamento que perpassa a obra do nosso homenageado, eu diria que se trata de uma tentativa de iluminar aspectos de um dos mais prementes, multifacetados e não inteiramente resolvíveis quebra-cabeças da modernidade. Esse quebra-cabeças expressa-se nas seguintes perguntas: como é que, a partir das tradições e traumas herdados do passado, nós podemos seguir adiante na direção do futuro que somos livres para desejar? E como o podemos fazer sem que nos percamos a nós próprios no meio do caminho?

Eu acho que um pequeno trecho do *Fausto* de Goethe (1986, 29) comprime boa parte da resposta desenvolvida por Rüsen ao longo da sua extensa obra. “Aquilo que herdaste dos teus pais” – diz Fausto num determinado momento – “adquira-o para que o possuas”.

O que Goethe sugere aqui, numa linguagem meio cifrada, é que o passado está sempre dado, em nós, no presente. Todavia, se nós não mobilizarmos as nossas faculdades cognitivas

para “adquiri-lo”, se não conseguirmos nos apoderar intelectualmente dele, então não chegamos a “possuir” esse passado-presente. Com isso não nos tornamos donos da nossa própria experiência, porque nesse caso é o passado que nos possui e não o contrário.

Como nenhum outro pensador contemporâneo, Jörn Rüsen tem insistido que a história é precisamente a melhor maneira para nos apossarmos do passado que está aí, no presente, dentro e em volta de nós. Nós apenas somos realmente livres para ser e para nos tornarmos o que desejamos quando conhecemos quem já fomos e o que outrora quisemos ser e fazer (RÜSEN, 2001, 133). De acordo com Rüsen, esse conhecimento é precisamente o que de melhor a história nos pode dar.

Em termos gerais, Rüsen tem tido grande êxito no seu esforço de nos sensibilizar para o valor cultural da história. À medida que nos movemos para dentro do futuro desconhecido, precisamos, segundo ele, continuar a contar histórias sobre o passado: *histórias decentes*, nas quais lidamos com as informações das fontes do modo mais rigoroso possível, e acomodamos na interpretação destas o ideal normativo da humanidade como uma comunidade de seres que possuem igual dignidade, apesar das suas diferenças; *histórias significativas*, que nos ajudam a compreender os processos que formaram o nosso mundo e que nos dão preciosos subsídios para que levemos adiante, à nossa maneira, o esforço coletivo de lhe dar forma.

Senhoras e Senhores: as ideias e realizações aqui sumariadas já são mais do que suficientes para justificar a decisão da Universidade de Brasília de conceder ao nosso homenageado o título de doutor *honoris causa*. Jörn Rüsen é um dos mais importantes pensadores contemporâneos e merece todo o reconhecimento que lhe pudermos prestar.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Arthur Alfaix. “Jörn Rüsen contra a compensação”, *Intelligere. Revista de História Intelectual*, Vol. 3, No. 2, 2017, 13-33.
- ASSIS, Arthur. *A teoria da história de Jörn Rüsen: uma introdução*, Goiânia: Ed. UFG, 2010.
- AUDEN, Wystan Hugh. “D. H. Lawrence”. In: *Auden, The Dyer’s Hand and other Essays*. New York: Random House, 1962, 278-279.
- BAROM, Willian Cipriani, “A teoria da história de Jörn Rüsen no Brasil e seus principais comentadores”, *História hoje*, Vol. 4, No. 8, 2015, 223-246.
- DE JONG, Henk. “Historical Orientation: Jörn Rüsen’s Answer to Nietzsche and His Followers”, *History and Theory*, Vol. 36, No. 2, 1997, 270-288.
- GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOETHE, Johann Wolfgang. “Faust. Eine Trogödie”. In: *Goethes Werke*. Hamburger Ausgabe, Vol. 3, München: C. H. Beck, 1986, p. 29.
- MARTINS, Estevão de Rezende, “Consciência histórica, práxis e cultura. A propósito da teoria da história de Jörn Rüsen”, *Síntese* (Nova fase), Vol. 19, No. 56, 1992, 59-73.
- RÜSEN, Jörn. *Begriffene Geschichte. Genesis und Begründung der Geschichtstheorie J. G. Droysens*, Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1969.
- RÜSEN, Jörn. *Für eine erneuerte Historik. Studien zur Theorie der Geschichtswissenschaft*, Stuttgart: Fromman-Holzboog, 1976;
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica* [1ª ed. alemã: 1983], Brasília: Ed. UnB, 2001.
- RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: os princípios da pesquisa histórica* [1ª ed. alemã: 1986], Brasília: Ed. UnB, 2007.
- RÜSEN, Jörn. *História viva: formas e funções do conhecimento histórico* [1ª ed. alemã: 1989], Brasília: Ed. UnB, 2007.
- RÜSEN, Jörn. *Konfigurationen des Historismus. Studien zur deutschen Wissenschaftskultur*, Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 1993.
- RÜSEN, Jörn. *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores, 2012; RÜSEN, Jörn. *Jörn Rüsen e o ensino de história*, Curitiba: Ed. UFPR, 2010 [1ª ed. alemã: 1994].

RÜSEN, Jörn. *Historische Orientierung. Über die Arbeit des Geschichtsbewußtseins, sich in der Zeit zurechtzufinden*, Köln: Böhlau, 1994.

RÜSEN, Jörn. *Zerbrechende Zeit. Über den Sinn der Geschichte*. Köln: Böhlau, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Geschichte im Kulturprozeß*, Köln: Böhlau, 2002-a.

RÜSEN, Jörn. *Kann Gestern besser werden? Essays zum Bedenken der Geschichte*, Berlin: Cadmos, 2002-b.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido. Orientações entre o ontem e o amanhã*, Petrópolis: Vozes, 2014 [1ª ed. alemã: 2006].

RÜSEN, Jörn. *Teoria da história*, Curitiba: Ed. UFPR, 2015 [1ª ed. alemã: 2013].

RÜSEN, Jörn; JAEGER, Friedrich. *Geschichte des Historismus. Eine Einführung*, München: C. H. Beck, 1992.

WHITE, Hayden. *The Content of the Form. Narrative Discourse and Historical Representation*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1990.

WIKLUND, Martin, “Além da racionalidade instrumental: sentido histórico e racionalidade na teoria da história de Jörn Rüsen”, *História da Historiografia*, No. 1, 2008, 19-44.